Massacre da Estrutural pode ter sido planejado

DF - CIDADE ESTRUTURAL

LEVANTAMENTO DO LOCAL ANTES DA OPERAÇÃO REFORÇA TESE DE QUE CRIMES FORAM VINGANÇA PELA MORTE DE PM

José Luiz Oliveira

A ocupação da Estrutural por tropas da Polícia Militar na noite de 8 de agosto de 1998 foi precedida de minucioso levantamento feito por um comando integrado por soldados e oficiais. Este detalhe, esquecido na época, talvez em função das cenas fortes de espancamento e execução de duas pessoas, é mais um reforço à tese de que parte da tropa estava ali não para promover o desarmamento e reprimir o tráfico de drogas. O objetivo era vingar o soldado Rubens Gomes de Faria, morto com um tiro na cabeça dois dias antes, quando participava de rondas no local. Em outras palavras, o levantamento indica que o crime foi premeditado.

O levantamento, de acordo com policiais civis que participaram das investigações sobre os crimes do dia 8, conhecidos como Massacre da Estrutural, autoriza o raciocínio de que a "missão precursora" delineava os contornos do caminho que mais tarde seria manchado pelo sangue de Luciano Pires de Aquino, Milton de Sá e José Roberto dos Reis Filho, o *Azul*. Os três foram seqüestrados em suas casas, à noite, por homens encapuzados. Luciano e Milton morreram com tiros na cabeça. Azul, baleado duas vezes na parte posterior da cabeça, desmaiou. Foi encontrado por um leiteiro quando o dia clareou e levado para o Hospital de Sobradinho.

RICARDO MARQUES

AURELIANO Cardoso ainda se lembra de ser acordado e espancado no meio da noite

Depois de quatro anos, agressões ainda doem

Nem parece que já se passaram quatro anos. Ainda acorda assustado no meio da noite; ainda sente os golpes de cassetete no corpo; ainda "engasga" ao lembrar o choro do filho, então com dois anos; o braço direito ainda dói, só consegue levantá-lo até certa altura. São muitas as cicatrizes que o comerciante Aureliano Cardoso da Silva, 57 anos, carrega desde a noite em que policiais militares botaram abaixo a porta de seu quarto.

Pode ser que um dia essas marcas desapareçam – ele acredita que sim –, que consiga levantar o braço, gesto fundamental na lida diária de pequeno comerciante. Mas a ferida na alma do cidadão arrastado, ventre sobre o esgoto a céu aberto da rua estreita, essa o tempo não cura. Ficam para desmentir o Padre Vieira ("Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer"), que dizia ser o tempo tão poderoso que se atrevia até mesmo contra as colunas de mármore.

Passava das 23h. De repente, um estrondo, a porta cai. "Eles queriam saber se eu conhecia um tal de Washington. Eu dizia que não, mesmo assim continuavam insistindo", lembra. A cada negativa, mais *cassetetadas*. A sessão de horror durou até o menino chorar. "Sujou", disse um dos homens. Foram embora. Impossível reconhecê-los. Estava escuro demais.

Não era a primeira humilhação. Aureliano conta que no ano anterior, policiais e fiscais estiveram em seu bar. Carregaram uma mesa de sinuca e 50 caixas de cachaça e cerveja. Retiraram as telhas do bar. Ficou sem nada, "no tempo".

Aqueles eram dias de muita tensão e sofrimento. A Administração Militar, ligada ao gabinete da vice-governadora, Arlete Sampaio, proibiu a entrada de caminhões com mercadorias. "Nós trazíamos as coisas durante a noite, pelos fundos, escondendo como se carregássemos coisas roubadas", lembra. Mas os moradores resistiram. À noite, e mesmo de dia, entupiam as valas que os tratores abriam para impedir o trânsito de carroças.